



**III SRCCC**  
Seminário Regional  
Comércio, Consumo e Cultura  
nas cidades  
Sobral-CE, 19 a 22 de junho de **2017**

## **“Um por todos e todos por um”. Experiências mutualistas no noroeste do Ceará. (1900-1970).**

Carlos Augusto Pereira dos Santos<sup>1</sup>

### **Resumo**

A produção de estudos sobre o mundo do trabalho e a classe trabalhadora do Brasil, pouco a pouco se desloca do centro sul do país para atingir outras regiões e estados da federação. Neste sentido, o presente trabalho procura identificar formas de organização de feição mutualista no Ceará e mais especificamente, no noroeste cearense, dentro do espaço temporal das primeiras décadas do século XX, quando se observa no país um fenômeno associativo que também foi experimentado pelos trabalhadores na criação de diversas associações para suprir necessidades básicas negadas pelo Estado, ou mesmo para se afirmarem enquanto trabalhadores nos processos de sociabilidade.

**Palavras-Chave:** Trabalho, Trabalhadores, Mutualismo.

### **1. Introdução**

O estudo sobre os trabalhadores, o mundo do trabalho e suas implicações no cotidiano, tanto no campo como na cidade, derivando para a investigação “sobre suas condições de vida e trabalho, cultura e organização familiar para compreender processos históricos mais amplos”, sem dúvida tiveram a influência dos pressupostos da história social inglesa e da micro -história italiana. No Brasil, a repercussão dessas teorias se verificará entre os anos 1980 e 1990, jogando luzes, inicialmente, sobre os “anos finais da escravidão e o período inicial da Primeira República”. (POPINIGIS, 2016:647). Deste modo, o caráter militante e acadêmico que caracterizou uma

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de História da Universidade Estadual vale DO Acaraú – UVA. Contato: [augustus474@hotmail.com](mailto:augustus474@hotmail.com)

historiografia da classe e do movimento operário que dominava a cena histórica anteriormente, passa a tratar não somente das

[...] suas greves e lutas sindicais, mas também através de suas festas, momentos de sociabilidade e condições de moradia como parte essencial de sua experiência, na construção de elementos simbólicos de identidades cruzadas. (POPINIGIS, 2016: 649).

Interessa-nos, portanto, nas possibilidades e limites deste artigo, explorar no contexto cultural dos trabalhadores da zona noroeste cearense, as práticas associativas e, mais detidamente, àquelas que se identificam como mutualistas e/ou assemelhadas, reveladoras de aspectos que o mutualismo ganhou por aqui, evidenciando uma prática diversa de como os movimentos associativos eram apropriados e ressignificados, digamos, no seu *fazer-se associativo*.

Perceber a cultura e as práticas associativas destes trabalhadores é uma experiência que está atrelada à pesquisas anteriores em nosso percurso acadêmico. Para os limites deste artigo, procuramos ampliar o recorte espaço-temporal, apontando para o estudo das experiências culturais dos trabalhadores urbanos da região noroeste do estado do Ceará em suas diversas formas de apresentação e espaços de sociabilidade, tendo como foco a experiência associativa que reputamos também ter forte conteúdo cultural<sup>2</sup>. Nas pesquisas anteriores sobre a militância comunista e do cotidiano dos trabalhadores nos espaços do trabalho no município de Camocim-CE, o conceito de experiência proposto pelo historiador britânico E. P. Thompson ajudou-nos, sobremaneira, a compreender que os trabalhadores realizavam muito mais do que apenas buscar no trabalho as condições para a sobrevivência de suas famílias<sup>3</sup>.

Com efeito, a reflexão thompsoniana sobre o conceito de experiência histórica em sua perspectiva ontológica permite-nos que evitemos “reduzi-la a um culturalismo frouxo ou a um idealismo plausível, tanto quanto considerar a estrutura material apartada do condicionante humano”<sup>4</sup>. É essa tessitura que possibilita a compreensão do que Thompson denominou de “condição existencial de proletariado”, por exemplo, quando os trabalhadores passam a se organizar e resistir ao ideário capitalista. Neste sentido, a análise da formação da classe operária avança para além das condições econômicas e políticas a que está submetida. O universo cultural dos trabalhadores em sua pluralidade, começa a ser levado em conta nesse processo.

---

<sup>2</sup> A região noroeste do Estado do Ceará é composta de 47 municípios tendo a cidade de Sobral como polo econômico.

<sup>3</sup> Referimo-nos à nossa dissertação de mestrado. “Cidade Vermelha: a militância comunista nos espaços do trabalho. Camocim-CE, 1927-1970). Universidade Federal do Rio de Janeiro/Universidade Federal do Ceará. 1999 e a tese de doutorado “Entre o Porto e a Estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. Universidade Federal de Pernambuco. 2008.

<sup>4</sup> ALVES, Giovanni; ARAÚJO, Renan. Thompson, Lukács e o conceito de experiência — um diálogo mais que necessário. p. 56. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-9222.2013v5n10p53>. Acesso em: 01/09/2014.

Nas conclusões de pesquisas anteriores, observamos que o estudo de caso sobre os trabalhadores e militantes comunistas comportava outras relações, não somente com outros tipos de trabalhadores e grupos ideológicos presentes na cidade de Camocim, mas com a necessidade de incorporar outros conceitos para dar conta da diversidade no mundo do trabalho existente na cidade – a cultura e o cotidiano. Como dissemos anteriormente, o referencial teórico sistematizado por E. P. Thompson em *A formação da classe operária inglesa*, principalmente, viria a ser um dos textos fundadores dos chamados Estudos Culturais e que estava muito presente no mergulho realizado nas fontes em que se procuravam indícios e o entrelaçamento destes conceitos. Para o historiador britânico, dentro da tradição marxista, digamos renovada, as práticas culturais dos trabalhadores estariam presentes neste cotidiano em que eles desempenhavam um papel central, único e diferente e faziam disso formas de enfrentamentos peculiares.

Esse olhar para o cotidiano dos trabalhadores arejou os estudos históricos no campo da história social e cultural. Essa guinada, ousamos dizer, trouxe para a história um alento, assim como um trabalhador que sai de seu local de trabalho para tomar "uma fresca" para esfriar a cabeça. Ao passar a se observar "o calendário dos rituais e festividades no campo e na cidade, o lugar dos esportes na vida social, os diferentes rituais de trabalho e lazer antes e depois da Revolução Industrial..." (NEGRO; SILVA, 2001;237). E. P. Thompson afirmaria que o caráter "cultural" da classe, tanto quanto o "econômico", tão evidenciado na velha tradição marxista, poderia se tornar uma tendência nos estudos sobre o mundo do trabalho, o que de fato veio a acontecer.

Em que base se forja esse caráter "cultural" dos trabalhadores? Tomando como exemplo nosso universo pesquisado, acreditamos que o mesmo se consolida nas experiências dos trabalhadores no "chão do cais", no âmbito de suas oficinas e lojas, no cotidiano sindical e na diversidade de associações, nas relações sociais com os diversos setores sociais, nos espaços de sociabilidade, nas temporadas de trabalho em outros portos, nas manifestações festivas e de lazer, nas comemorações cívicas e simbólicas, funcionando como ingredientes de um caldo cultural, próprios de uma identidade operária em seu sentido mais amplo. Dito isto, cabe analisar os vários aspectos que informam sobre essa construção, que, antes de tudo, é cultural, posto que elaborada dentro dos seus códigos de percepção do real e do imaginário.

## **2. As práticas associativas e o mutualismo.**

A prática da associação entre pessoas com algum objetivo formal ou informal desenvolvendo ações de solidariedade e fraternidade, pressupostos do mutualismo, não é algo tão novo. Peter Burke identifica estes laços nas guildas de trabalhadores dos séculos XIV e XV na Europa:

[...] um papel importante na vida social da cidade europeia era desempenhado pelas guildas, não só as “guildas profissionais”, ancestrais dos sindicatos modernos, mas também as guildas religiosas, ou confrarias. As confrarias eram associações voluntárias de aldeões (principalmente, mas não exclusivamente, masculinas) que promoviam a solidariedade e a fraternidade entre os membros, comendo e bebendo juntos, e comparecendo aos enterros, bem como caminhando em procissão através da cidade na festa da padroeira da associação. (BURKE, 2009:199).

No Brasil, ao final do século XIX e as primeiras décadas do XX, observa-se o surgimento de diversas formas de associação entre os trabalhadores e também patrões, por todo o território nacional, repercutindo nos mais distantes estados da federação. O historiador Alexandre Fortes, escrevendo sobre o movimento operário no Rio Grande do Sul, afirma:

A criação de formas associativas voltadas ao atendimento das demandas dos trabalhadores por proteção frente à doença, à velhice, ao desemprego e às condições adversas ligadas à morte de um familiar tem sido talvez um dos elementos mais característicos do movimento operário em diferentes contextos históricos (FORTES, 1999:173)

Não queremos tomar o enunciado acima para evidenciar apenas o caráter assistencialista que motivou o fenômeno associativo no Brasil, mesmo porque, a discussão que o historiador Alexandre Fortes faz no artigo referido é muito mais ampla daquela que a historiografia estigmatizou como sendo as experiências assistenciais “um modelo teleológico de desenvolvimento do movimento operário”. O que buscamos, como o autor nos diz, é entender de que maneira “o atendimento destas necessidades coletivas dos trabalhadores foi buscado em contextos particulares, assim como o papel que estas diferentes alternativas de atendimento desempenharam nos processos mais gerais de organização e mobilização” (FORTES, 1999: 174-5)

Nas mobilizações do Primeiro de Maio de 1901, realizada no Rio de Janeiro, o historiador Cláudio H. M. Batalha usa de fontes jornalísticas para descrever a extensa programação da data simbólica que representa os trabalhadores internacionalmente, assumindo mais do que um caráter celebrativo, aspectos de “cultura associativa” que, naquele momento, era “facilmente observável no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX.” (BATALHA, 2004:96). Os trabalhadores necessitavam algo mais do que um aparato assistencialista.

No Ceará, esta "cultura associativa" também pode ser observada, não somente pela diversidade, mas também pelo alcance que o associativismo obteve nos mais distantes rincões do estado, a ponto de um articulista observar com certo desdém e ironia:

É rara a capital, cidade, villa ou mesmo lugarejo onde não haja ou tenha havido uma sociedade beneficente. Sem mesmo dizer "água vae" reúnem-se alguns rapazes numa sala qualquer, um delles aventa a "ideia", os demais abraçam e dahi nasce uma "beneficente". (...) os regimentos internos a que os sócios em "assembleia geral" quase sempre dão o bombástico título de LEI BASICA, invariavelmente começam assim: Fica creada nesta - nome do lugar uma sociedade beneficente denominada ... Parece-nos até que a mania do plagio andou urdindo a sua teia na feitura dessa LEIS! (...) O pobre diabo é logo atrahido pela miragem das vantagens futuras, sempre cômscio de que está preparando o futuro para si e para os seus. Doce engano!<sup>5</sup>

Plágio ou não, as práticas associativas atuaram no sentido da organização da classe operária, envolvendo trabalhadores urbanos "ligados ao comércio, às oficinas, ao artesanato, à indústria, e mesmo aos jomaleiros", como assinala a historiadora Ana Cristina Pereira Lima.<sup>6</sup> Em sua dissertação de mestrado, a mesma analisa o associativismo na cidade de Fortaleza, mostrando os aspectos heterogêneos dessa prática no seio operário. Nossa tarefa é tentar alargar o espaço geográfico para a observação das experiências associativas nas cidades da região noroeste do Ceará.

Com efeito, não somente a capital do estado do Ceará vai experimentar esta "febre" associativa, como veremos mais adiante. Em Sobral, um jornal local na década de 1930 assinala, se não um modismo que atingia todas as classes, algo que estava na ordem do dia e precisava ser enfatizado: "Estamos na época das associações, hoje na verdade todas as classes tratam de se congregar seguindo o lemma: "Um por todos, e todos por um"<sup>7</sup>. Efetivamente, os jornais são fontes riquíssimas que atestam a existência da variedade destas associações, publicando seus convites festas, perfis de presidentes destas associações, balancetes, estatutos, editais e anúncios diversos que permitiram recuperar boa parte desta experiência.

Antes de tudo, cabe assinalar que a "cultura associativa" de que fala Cláudio H. M. Batalha não é "um fenômeno exclusivo das classes trabalhadoras, mas está bastante disseminado entre elas, embora parte significativa dessas associações não reivindique um caráter classista".

---

<sup>5</sup>Sociedades Benéficas. *O Nordeste*. Fortaleza, 7 de agosto de 1922. Apud LIMA, Ana Cristina Pereira. "Obreiros pacíficos": o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José. (Fortaleza, 1915 – 1931). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Ceará. 2009, p.24.

<sup>6</sup>LIMA, Ana Cristina Pereira. *Op. cit.* p.27.

<sup>7</sup> Expressão que aparece no jornal *Brazil-Livre*, Sobral-CE, Anno I, nº 40, p.1, 26/07/1931, como sendo o lema das associações existentes no município. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

(BATALHA, 2004:96). Desta forma, várias denominações de associações que sugerem essa não exclusividade também serão por nós analisadas, posto que se inscrevem naquilo que o referido historiador se reporta como "cultura das associações". No entanto, essa "dimensão associativa" como assinala Ana Cristina Pereira Lima para o caso de Fortaleza, tinha um ponto em comum com o que observa Cláudio H. M. Batalha no Rio de Janeiro, ou em outros centros econômicos importantes do país, como São Paulo, isto é, as associações, na busca de direitos sociais, se constituíam "na fronteira entre a ausência do Estado e a necessidade de suprir, conjuntamente, carências intrínsecas à condição de operário" (LIMA, 2009:25).

Portanto, nas primeiras décadas do período republicano no Brasil, observou-se uma intensa movimentação no campo do associativismo, em que os trabalhadores participaram ativamente. Nesse fenômeno, a classe patronal também se organizou, fiel aos seus princípios e lógica, demarcando uma oposição às organizações trabalhistas, intitulando-se como "classes conservadoras".

Por outro lado, os trabalhadores se associavam sob diversas denominações que revelavam um pouco da disputa política que vai além da semântica dos termos. Entidades que se denominavam "ligas", "centros" ou mesmo "resistências" se espalhou pelo Brasil, assumindo mesmo demandas antigas dos sindicatos como a eterna luta para diminuição da jornada de trabalho, melhores condições de trabalho e salários. Não à toa, na comemoração dos dez anos da Associação dos Empregados do Comércio de Sobral, fundada em 1921, é feita uma alusão a uma "época das associações" cujo lema maior era o "um por todos e todos por um"<sup>8</sup>, dístico este também presente nas comemorações daquele Primeiro de Maio no Rio de Janeiro referido acima.

Encontraremos uma variedade de associações com estas divisas. A "época das associações" traz para o cenário, diversas entidades dessa natureza, cujos fins se confundem na prática associativa diária. Associações de classes e categorias profissionais parecem ter feições mutualistas, mas não descuram de outras bandeiras. Por outro lado, sindicatos, quase sempre possuem suas caixas de pecúlio que servem para várias finalidades de auxílio mútuo, além de criarem outras para necessidades pontuais. Embora não sejam exclusivamente de trabalhadores, as associações, mutualistas ou não, acabavam por substituir o Estado no atendimento dos chamados direitos sociais. Desta forma, a prestação de socorros aos associados na área da saúde, do funeral, da defesa judiciária, compra de alimentos, pagamento de alugueis, dentre outras, estavam no raio de ação destas associações.

---

<sup>8</sup> Jornal *Brazil-Livre*. Sobral-CE, 26.7.1931. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Dito desta forma, pode parecer que essas associações de socorro são criadas para a diminuição dos sofrimentos da pobreza por pessoas aquinhoadas e dotadas de espírito caritativo. Embora isso não seja uma inverdade, é preciso notar as maneiras como os pobres desenvolveram estratégias de sobrevivência em seus cotidianos, criando laços de solidariedade e reciprocidade, não somente no âmbito destas associações, mas, nas ações simples como o cuidar das "crianças dos vizinhos, os pequenos empréstimos e o abrigo voluntário a quem dele não dispusesse, entre outras colaborações, são fartamente encontradas nas mais diversas comunidades carentes, desde tempos imemoriais" (VISCARDI, 2009: 292).

Portanto, nesse contexto de superação da pobreza, a proteção de quem pode doar e a ajuda mútua de quem quer oferecer não se excluem. Vejamos este exemplo: por iniciativa do Clube Artístico Sobralense, propõe-se construir um mausoléu no Cemitério São José em Sobral para o sepultamento de seus associados, proposta esta que teve a pronta recepção do prefeito da época na doação do terreno para tal obra. Como resume a questão a historiadora Cláudia Maria Ribeiro Viscardi:

Daí decorrem dois tipos de relação social. No primeiro caso, o outro a quem se recorre pode assumir a face de uma Igreja, do Estado, do cidadão benemérito ou do coronel, e outras tantas variações que se encaixam bem no conceito de paternalismo. Tal relação tende a ter um trajeto verticalizado, no qual o doador estabelece com o receptor uma hierarquia cujo tom, à revelia das intenções ou motivações, será o do poder de quem doa sobre quem recebe. Nessa situação, o receptor se encontrará submetido ao doador, mesmo que este último não se utilize da relação em seu próprio proveito. No segundo caso, o outro é um igual, aquele que compartilha das mesmas necessidades e potencialidades. Juntos, desenvolvem relações de reciprocidade que tendem a ser mais balanceadas. Todos contribuem e todos recebem a contribuição. Realçam o *ethos* da obrigação mútua e a responsabilidade coletiva pelo bem-estar dos outros. Nesse contexto as relações tendem a ser mais horizontalizadas, e as hierarquias, menos definidas. A dependência persiste, mas assume um caráter mútuo. (VISCARDI, 293).

Com relação ao mutualismo propriamente dito, forjado nas relações acima analisadas, a historiadora Cláudia Maria Ribeiro Viscardi afirma:

Mas o mutualismo não se esgotava na assistência. Seus sócios eram também atraídos por se identificarem com valores e práticas, rituais e festividades promovidos por essa modalidade de organização social. Na ausência de alternativas de lazer, as festividades organizadas pelas mutuais constituíam-se em espaços valiosos de conagração e fortalecimento de relações afetivas entre seus pares. Nas festas e rituais, eram revigorados os elos entre seus membros, apaziguados os eventuais conflitos e equacionadas as mais marcantes diferenças (VISCARDI, 2014:195).





Figura 1 - Mausoléu do Clube Social Artístico (Clube Artístico Sobralense). 2015. Cemitério São José. Sobral-CE. Arquivo do autor.

A reflexão e análise da autora citada acima, embora esteja fundamentada numa realidade do centro-sul, vale para nós, no sentido de que no noroeste cearense, a grande maioria das associações pesquisadas praticavam em maior ou menor grau, o mutualismo. Mas, como a mesma autora afirma, o mutualismo não se esgotava nas ações assistenciais. Deste modo, a emergência de categorias profissionais vinculadas diretamente à Estrada de Ferro de Sobral e ao Porto de Camocim ou indiretamente a estes espaços de trabalho, como o comércio e prestação de serviços vão suscitar nas principais cidades da região noroeste do Estado do Ceará o aparecimento de uma diversidade de associações, algumas de feições mutualistas, configurando uma prática correspondente que acontecia nos mais avançados centros urbanos do país. Tínhamos, portanto, um porto escancarado ao mundo e uma ferrovia que ligava o litoral de Camocim às brenhas sertanejas de Crateús facilitando, sobremaneira, os contatos das pessoas e a criação destes espaços organizados. No quadro abaixo, a partir do que se pode compulsar na documentação, podemos perceber várias dessas associações que surgiram nessa conjuntura associativa bafejada pelas atividades comerciais, principalmente.

#### **Quadro 1. Associações de classe, sociedades beneficentes e similares na zona noroeste do Estado do Ceará.**



<b>NOME DA ENTIDADE</b>	<b>LOCAL</b>	<b>ANO DE FUNDAÇÃO</b>
Associação dos Empregados do Comércio de Sobral	Sobral	1921
Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem	Sobral	1940
Associação Comercial de Sobral	Sobral	1920
Associação dos Trabalhadores na Construção Civil de Sobral	Sobral	1947
União dos Viajantes Comerciais de Sobral	Sobral	1937
Sociedade dos Inquilinos	Sobral	1931
Sociedade Beneficiadora Granjense	Granja	1911
Sociedade Deus e Mar	Camocim	1930**
Associação dos Retalhistas de Camocim	Camocim	1934
Sociedade Beneficente Ferroviária	Camocim	1932
Caixa Auxiliadora do Pessoal da Estrada de Ferro de Sobral	Camocim	1930
Associação Comercial de Camocim	Camocim	1918
Sociedade da Construção Civil e Ofícios Vários	Camocim	1953
Associação Comercial de Crateús	Crateús	1930**
Associação dos Empregados do Comércio	Crateús	?
Associação Comercial de Ipu	Ipu	1925*
Hospital Maternidade Nossa Senhora do Amparo (Sociedade Beneficente)	Viçosa do Ceará	1959
Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância de Viçosa- Ceará	Viçosa do Ceará	1968
Patronato Tenente Ângelo de Siqueira Passos	Viçosa do Ceará	1959
<b>TOTAL</b>	<b>-</b>	<b>19</b>

\* Data mais antiga em que aparece a referência na documentação. Fonte: Revista Instituto do Ceará-2009. Data do Fato: Maio/1925. Disponível em: [http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=27856&catid=331&Itemid=101](http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=27856&catid=331&Itemid=101). Acesso em 19/10/2015.

\*\* Almanach Laemmert, 1930, p.406.

\*\*\* Data mais antiga em que aparece a referência na documentação. Fonte: Jornal *Brazil-Livre*. Sobral-CE, 18/03/1931.

São estes espaços organizados, no conjunto de suas práticas associativas que queremos compreender. No que pudemos observar, concordamos com o historiador Ronaldo Pereira de Jesus, quando diz que essas experiências "se manifestaram concretamente em práticas de solidariedades horizontais, aglutinando homens e mulheres (em geral pobres e trabalhadores) e

gerando uma cultura emergente, diante das transformações econômicas, sociais, políticas e ideológicas que marcaram o período." (JESUS, 2007:155).

Por outro lado, gostaríamos de ressaltar um outro componente na criação destas associações, para além dos objetivos principais constantes em suas razões sociais - o papel das mesmas na construção da cidadania, promotor de um significativo impacto na organização da sociedade civil. Como assinalam os historiadores Ronaldo Pereira de Jesus e Cláudia Maria Ribeiro Viscardi sobre a experiência mutualista no Brasil, o caráter cultural dessa experiência associativa reforçou os laços de cidadania que se construíram na passagem do século XIX para o XX no país. Deste modo, as associações mutualistas e congêneres, surgiram com a finalidade de atuarem na defesa de direitos e proteção social, desenvolvendo relações de solidariedade e promovendo lazer para os seus associados. Sistematizam, portanto, esta prática como uma "cultura associativa de formação", chegando mesmo até a caracterizarem as lojas maçônicas como inclusa nesse aspecto. (VISCARDI; JESUS, 2007:23-4). No entanto, os autores sugerem que o mutualismo em suas complexidades é muito mais amplo do que se imagina, provocando um impacto bastante interessante para a formação da classe trabalhadora urbana do país. Entendendo essa complexidade e amplitude também como a falta de estudos sobre outras regiões do Brasil (o trabalho dos autores, além do eixo sul-sudeste, apresenta alguns dados apenas para Pernambuco, Bahia e Mato Grosso), é que se pretende apresentar outros espaços da ação mutualista no Brasil, notadamente, no interior do estado do Ceará.

Na massa documental utilizada pelos autores acima, surge uma variedade de associações que aparece entre a segunda metade do século XIX e primeira metade do XX, representadas pelas irmandades, mutuais, corporações de ofícios, associações filantrópicas, seguradoras e sindicatos. Para o nosso objeto de pesquisa, afora as irmandades, temos esta mesma variedade, acrescida dos Círculos Operários e Bancos Populares, embora que estes últimos não estejam propriamente vinculados aos trabalhadores e nem criados em nome deles, aparecem como dados nesse universo associativo.

### **3. Experiências mutualistas no interior cearense**

Em geral, a estrutura de associações mutualistas que surgiram no Brasil não difere muito quanto à sua constituição. Mesmo não se apresentando como mutuais especificamente, pode-se entrever numa análise mais detida, que a variedade de associações que afloraram entre a segunda

metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, possuem características muito semelhantes. Inicialmente, se constituíram como caixas previdenciárias, pecúlios, benefícios pontuais de socorro contra o desemprego, doenças, greves, funerais etc. Deste modo, como afirma o historiador Aldrin Castellucci:

As sociedades de auxílio mútuo funcionavam, sobretudo, como caixas de previdência para as quais os associados contribuía, mensalmente, com uma quantia previamente estabelecida em seus estatutos. Grande número delas exigia também uma taxa de adesão, de valor mais elevado, comumente chamado de joia. Os serviços prestados pelas sociedades mutualistas podiam ser bem amplos, desde uma renumeração para os dias parados nos momentos de doença, assistência médica, farmacêutica e jurídica, passando pela pensão por invalidez aos associados ou para seus dependentes em caso de morte, além do auxílio-funeral, herança das antigas irmandades religiosas. (CASTELLUCCI, 2014:47-8)<sup>9</sup>.

Assim como no resto do país, no Ceará, o surgimento da maioria dessas associações obedeceu ao recorte cronológico acima apontado. O historiador cearense Kleiton Nazareno Santiago Mota sistematiza os tipos de associações mutualistas constituídas na capital alencarina:

A maioria das Associações se formou na cidade de Fortaleza, capital do Estado, onde figuraram basicamente quatro tipos de Sociedades de Socorro Mútuo, classificadas do seguinte modo: a) de ofícios e categoria profissional, b) abertas, c) étnicas e d) confessionais ou circunistas (ligadas à loreia). No período estudado, há uma predominância de Sociedades centradas em torno de ofícios e categorias profissionais. A maioria das Associações dispunha de limitados recursos e poucas dezenas de associados. Entretanto, houve exceções, como a Sociedade Deus e Mar e Sociedade Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité, que chegaram a congregar centenas de associados. (MOTA, 2009: 28-9).

As exceções apontadas pelo estudioso logicamente levam em conta uma presença maior de trabalhadores ligados às atividades portuárias e ferroviárias no período e, portanto, um pouco mais organizados. O mutualismo ferroviário no Ceará, no entanto, não se limitou à sociedade citada pelo autor acima. Embora um pouco mais tarde do que a entidade beneficente que agremiava os ferroviários da Estrada de Ferro de Baturité, na década de 1930, a Sociedade Beneficente Ferroviária dos Empregados da Estrada de Ferro de Sobral também foi uma

---

Para um aprofundamento da atuação das associações mutualistas, ver: LUCA, Tânia Regina de. *O sonho do futuro assegurado. O mutualismo em São Paulo*. São Paulo/Brasília, Contexto/CNPq, 1990; SILVA JÚNIOR, Adhemar Lourenço da. *As sociedades de socorros mútuos: Estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul - Brasil, 1854-1940)*. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PUC-RS, 2004. (Tese de Doutorado).

associação que congregou mais de uma centena de ferroviários, sobre a qual nos determos mais à diante.

Com a abrangência e públicos diferentes tivemos, a título de exemplo, a Mutualidade Camociense (fundada em 1902) e a União dos Viajantes de Sobral (1937) como entidades mutualistas que se configuram na classificação assinalada pelo historiador Kleiton Nazareno Santiago Mota. No ano de 1908, em nota no jornal *O Rebate*, a Mutualidade Camociense publicava suas condições de ingresso:

Ser maior de 21 a 25 anos de idade.  
- Certidão de idade e atestado médico  
- os menores de 21 anos de idade poderão ser inscriptos com a permissão de seus paes ou tutores. 27 de março de 1908.  
Secretário:  
Antonio Horacio de Vasconcellos.<sup>10</sup>

A primeira década do século XX parece ter sido o auge das atividades da Mutualidade Camociense. Em vários jornais da região são publicadas as quitações de pecúlios aos sócios como uma forma de prestação de contas, durante este período. A cada pecúlio pago é informado também os valores pagos aos sócios até àquela data. Em outubro de 1908 ao anunciar à quitação do pecúlio de 1:371\$000 à Sra. Maria do Carmo Pierre, a entidade informa que já haviam sido pagos 32:493\$000<sup>11</sup>. Na composição da diretoria eleita para o biênio 1909-1910, percebe-se que a Mutualidade Camociense era uma entidade com membros da elite com trajetórias no comércio, política e intelectualidade locais.<sup>12</sup> Por ser uma entidade de caráter aberto com características de seguradora, seria preciso uma pesquisa mais aprofundada para compreendermos a participação ou não de trabalhadores no seu quadro de associados.

Por outro lado, a União dos Viajantes Comerciais de Sobral, classificada como uma associação "de categoria profissional", também fazia sua propaganda nos jornais. Fundada em 1937, se apresentava ao público como "Corporação Beneficente" em pleno progresso por obter a "confiança de seus associados", por cumprir com seu "altruístico programa, já tendo distribuído apreciável soma de benefícios a seus sócios". No mesmo texto, anuncia-se o pagamento de auxílios imediatos não ditos e a quantidade de seis pecúlios, sendo o último pago à "beneficiária,

---

<sup>10</sup> Jornal *O Rebate*, Sobral-CE, março de 1908. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

<sup>11</sup> *Idem*, 11/10/1908.

<sup>12</sup> [...] Diretoria eleita para o biênio 1909-1910. Presidente: J. J. de Oliveira Praxedes. (reeleito). Vice-Presidente: F. Nelson Chaves. Secretário: Antonio Horacio Vasconcellos. Thesoureuro: Antonio Luiz Aguiar. Directores: José Carneiro d'Araujo (reeleito); José Eustachio do Espírito Santos; Severiano José de Carvalho. Supplentes: F. F. Napoleão; José Severiano Morel; J. Cícero Monteiro [...]. Jornal *O Rebate*. Sobral-CE. 16/01/1909, p.1.

exma. Sra. d. Maria José Frota Melo, viúva do sócio Prestestato Melo Filho, falecido em Granja [...], no valor de 2:500\$000, conforme estamos seguramente informados". Nessa matéria jornalística veiculada no jornal *Correio da Semana* se percebe claramente facetas desse universo associativo. No mesmo texto mistura-se louvação à sociedade mutual, apresenta alguma prestação de contas e traz a foto do seu presidente João Germano da Ponte Neto, onde é destacada sua atuação administrativa, a ponto de o articulista apontar para a garantia de sua reeleição, expressando a confiança, o zelo administrativo, a distinção social e a capacidade individual mostrados como valores de uma entidade mutualista progressista<sup>13</sup>.



Figura 2. A "União dos Viajantes Comerciais de Sobral" e seu progresso. Fonte: *Correio da Semana*.1942. Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

Na renovação da diretoria para o biênio 1942-43, pode-se também aquilatar que a maioria dessas associações buscavam uma distinção através da composição de suas diretorias. Assim como o percebido na entidade camocinense, a sobralense estava composta em sua grande maioria de nomes da elite, neste caso, a comercial, face à sua finalidade. Para além disso, a constituição de um Conselho de Honra, encabeçado pelo nome do Bispo Dom José Tupinambá

<sup>13</sup> Jornal *Correio da Semana*, Sobral-CE, janeiro de 1942. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

da Frota, uma figura presente em quase tudo que se organizava na cidade, dava o tom honroso da distinção<sup>14</sup>.

Apresentamos dois exemplos de associações mutualistas que se apresentavam ao público via imprensa. No entanto, temos dois problemas: a variedade de outras fontes disponíveis, apontam para uma diversidade de associações nas principais cidades da região noroeste do Estado do Ceará, fundadas, em sua grande maioria, como já se disse, na primeira metade do século XX. Contudo, não poderemos adentrar na análise nas trajetórias destas entidades e suas contradições, visto que as fontes, em sua grande maioria jornalísticas, atestam apenas o fato de se terem constituído como defensoras de seus associados como motivação inicial.

Mas, como se anunciou acima, o comércio e a indústria, proporcionados pelo porto e pela ferrovia na região, ensejaram o surgimento de atores que queriam se ver representados no cenário social, de alguma forma. O comércio e a indústria advindos desse tempo possibilitaram que, nas principais cidades, como Camocim, Sobral, Ipu e Crateús se constituíssem associações ligadas aos grandes e pequenos comerciantes e seus empregados, devidamente ligadas às suas respectivas federações. Em Sobral, naquela época, em torno de um polo econômico apoiado na esteira das atividades ligadas à cotonicultura, surgiu a Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem e o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tecelagem, nas décadas de 1940 e 1950 respectivamente. Em Camocim, além da Associação Comercial, a pioneira na região, fundada em 1918 congregando os grandes comerciantes, funcionou uma Associação de Retalhistas, constituída por comerciantes varejistas. Em Sobral, os segmentos do comércio estavam representados pela Associação Comercial de Sobral fundada em 1920, uma referente à classe dos merceeiros, outra, aos caixeiros viajantes denominada de União dos Viajantes Comerciais de Sobral, assim como uma entidade ligada aos empregados do comércio ao estilo das fênix caixeirais, a Associação dos Empregados do Comércio de Sobral. Em Crateús, uma Associação dos Empregados do Comércio recebeu, em 1963, subvenções do governo por empreender uma "ação social" no valor de Cr\$5.000,00.<sup>15</sup>

De inspiração mutualista e beneficente, várias foram as entidades organizadas com este intento, tendo no próprio nome a finalidade, ou encerrada nos objetivos de outras denominações. A Sociedade Beneficente Ferroviária, em Camocim e a Sociedade Beneficiadora Granjense, em Granja, são exemplos de entidades que se constituíram para ajuda mútua entre trabalhadores.

---

<sup>14</sup> Jornal *Correio da Semana*, Sobral-CE, março de 1942, p.3. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

<sup>15</sup> Diário Oficial da União (DOU) de 27 de dezembro de 1963, p.348.

Ainda com este caráter de benemerência, do exercício da caridade cristã e apoio às atividades educacionais, atreladas à Igreja Católica, podemos citar a Liga Feminina de Ação Católica (1944) e o Serviço de Promoção Humana (SPH) em Camocim (1962), Associação Beneficente das Filhas de Santana - ASSO BENFISA, em Sobral, Associação das Senhoras da Caridade de São Vicente de Paulo, do Ginásio Nossa Senhora das Graças e Patronato Tenente Ângelo de Siqueira Passos, em Viçosa do Ceará.

Com uma denominação que não encobre o caráter mutualista, surgiram também as cooperativas, associações que, com este nome resistem até hoje, logicamente, com objetivos diferentes e uma inserção maior na lógica do capital. O espírito de cooperativismo animava a criação de associações mutualistas, que, no Ceará foi mais significativa do que as agremiações sindicais na Primeira República, embora não houvesse maiores enfrentamentos entre estas, como acontecia na capital federal entre entidades de matiz anarquistas e socialistas.

Não é só no terreno das reivindicações que o proletariado poderá melhorar de sorte: da sociedade de auxílio mútuo pode surgir um surto de bem-estar para as classes operárias unidas. É onde surge o princípio do **cooperativismo**, em que o operário é seu próprio fornecedor por meio de agremiações econômicas.<sup>16</sup>

Nesta perspectiva, no universo de nossa pesquisa, deparamo-nos com cooperativas que objetivavam desde a redução do custo de vida, através da compra de alimentos de primeira necessidade, até como as que se cooperavam em torno do crédito, fazendo surgir pequenos bancos na região como em Camocim, Granja, Massapê, Sobral, Ibiapina e Ipu.

Estes bancos foram criados a partir da iniciativa de comerciantes locais ou de religiosos, como o Bispo Dom José, com relação ao de Sobral. Referente às classes trabalhadores, ficou registrada a Cooperativa de Consumo das Classes Trabalhistas e a Cooperativa de Consumo dos Ferroviários da Estrada de Ferro de Sobral, em Camocim e Sobral,<sup>17</sup> Cooperativa Comercial Mista da Região da Ibiapaba, em Ubajara e Cooperativa Operária do Norte do Ceará, em Granja, dentre outras.

As cooperativas de consumo acabaram por atingir o funcionalismo público. Embora as cooperativas acima assinaladas sejam majoritariamente dos anos 1930 (ver quadro abaixo) e, nelas constarem algumas classes de funcionários públicos, como os ferroviários, somente a partir

---

<sup>16</sup> "O 24º Aniversario do Centro Artístico Cearense". *O Nordeste*. Fortaleza: 10 de fevereiro de 1928. Apud LIMA, Ana Cristina Pereira. *Op. cit.*, p. 31.

<sup>17</sup>Era comum que várias entidades ligadas aos funcionários da Estrada de Ferro de Sobral existissem tanto em Camocim como Sobral, cidades que concentravam o maior número de funcionários.



de 1942 é que essas associações vão surgir com mais força, a ponto de se constituir na burocracia do estado um Departamento Estadual de Cooperativismo, "[...]orgam administrativo que se propõe a fiscalizar, fomentar, e prestar assistência às cooperativas [...]". Segundo a matéria do *Correio da Semana*, até 1941 só existiam na capital as cooperativas de consumo dos empregados do IFOCS e dos bancários. A partir de setembro de 1942 foram fundadas as cooperativas de consumo dos funcionários públicos do Estado do Ceará e dos funcionários federais do Ceará. Em novembro, os funcionários da Prefeitura de Fortaleza constituíram a sua cooperativa de consumo. Informa ainda o jornal que, com o advento do Departamento Estadual de Cooperativismo, "veio congregar todas as classes sociais da capital em cooperativas de consumo, no mais curto espaço de tempo", citando neste rol a classe caixeiral, "as sociedades agro-pecuárias, de crédito e escolares"<sup>18</sup>.

#### Quadro 2. Bancos, cooperativas e associações mutualistas.

NOME DA ENTIDADE	LOCAL	ANO DE FUNDAÇÃO
Mutualidade Camociense	Camocim	1902
Cooperativa de Consumo das Classes Trabalhistas	Camocim	
Cooperativa de Consumo dos Ferrovários da Estrada de Ferro de Sobral	Camocim	
Banco do Comércio e da Lavoura	Camocim	1941
Banco Auxiliar e Agrícola	Camocim	1930*
Cooperativa de Consumo das Classes Trabalhistas.	Sobral	
Cooperativa de Consumo dos Ferrovários da Estrada de Ferro de Sobral. <sup>19</sup>	Sobral	
Banco Popular de Sobral	Sobral	1930*
Banco de Crédito Agrícola de Sobral	Sobral	1930*
Banco Mercantil Caixeiral	Sobral	1931*
Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes	Sobral	1947****
União dos Viajantes Comerciais de Sobral	Sobral	1937
Cooperativa Operária do Norte do Ceará	Granja	
Banco Popular de Granja	Granja	1930*
Cooperativa Comercial Mista da Região da Ibiapaba	Ubajara	1958
Banco Rural de Massapê	Massapê	1930*
Banco Rural de Ipu	Ipu	1929

<sup>18</sup> *Correio da Semana*, Sobral-CE, 09/01/1942, p.3. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

<sup>19</sup> Era comum que várias entidades ligadas aos funcionários da Estrada de Ferro de Sobral existissem tanto em Camocim como Sobral, cidades que concentravam o maior número de funcionários.

Casa Bancária de Ipu S.A.	Ipu	1942**
Banco Agrícola de Ibiapina	Ibiapina	1940 ***
<b>TOTAL</b>	-	<b>19</b>

\* Data mais antiga em que aparecem na documentação. Fonte: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. 1891-1940, vol. IV, p.38 (Antigo Almanak Laemert. Estados do Norte. 3º volume. 1930)

\*\* Data mais antiga em que aparece na documentação. Jornal *Correio da Semana*. fevereiro de 1943, reproduzindo documento do referido banco relativo ao ano fiscal de 1942. Fonte: NEDHIS/UVA.

\*\*\* Data mais antiga em que aparece na documentação. Jornal *Correio da Semana*. 10/01/1941, reproduzindo documento do referido banco datado de 30 de dezembro de 1940. Fonte: NEDHIS/UVA.

\*\*\*\* Data mais antiga em que aparece na documentação. Jornal *Correio da Semana*. Sobral-CE. 03/05/1947. Fonte: NEDHIS/UVA.

#### 4. Considerações Finais.

No decorrer das pesquisas de mestrado e doutorado, pouco a pouco o fenômeno associativo se sobressaiu no *corpus* documental. Deste modo, as experiências dos trabalhadores no mundo do trabalho no tempo e no espaço recortado pela pesquisa se abriram para além da constituição de associações de caráter identitário e/ou profissional e assumiram outras feições como a preocupação assistencialista (previdenciária, jurídica, funerária auxílios e benefícios outros), dentro do espectro mutualista que identificamos.

O estudo destas associações permitiu que pudéssemos estabelecer comparações com outros centros onde essa tradição associativa se mostrou mais pujante, notadamente àquelas de feição mutualista. Embora que o mutualismo no Ceará pareça não ter tido um vigor assemelhado com os estados do sul e sudeste, a sua investigação entre nós permite que percebamos suas linhas de dinamicidade e complexidade. Quando apontamos as lentes de investigador para uma região do Ceará, ao mesmo tempo que este objeto pareça mais fugidio, ao mesmo tempo ganha em diversidade. As associações do noroeste cearense vão apresentar características e agentes históricos variados que, dependendo da conjuntura assumirão vários papéis. Desta forma, setores da elite criam suas associações e dirigem seus fins para a sua distinção, mas também para desenvolver a caridade junto aos pobres, crianças e inválidos. Associações religiosas usavam seus líderes para o combate ideológico ao comunismo, mas, também criaram escolas e bibliotecas para a educação dos filhos dos operários. Sindicatos profissionais combateram a carestia, lutaram por melhores salários e denunciaram as más condições de trabalho, mas também organizaram suas caixas de pecúlios, se socorreram mutuamente e disciplinaram o trabalhador com os discursos da ordem e da moral cristã.

Portanto, estas ações em sua pluralidade se manifestaram historicamente naquilo que chamamos de experiências culturais dos trabalhadores, não somente entre eles no âmbito de suas

associações e cotidianos, mas, na interação com outros grupos em suas relações cidadinas, evidenciando este período de intensa movimentação social a ponto de ser chamado de "época das associações". É certo que não chegamos ao ponto de propor uma revisão historiográfica sobre o universo associativo no Brasil e no Estado do Ceará, mas, o acesso a vários tipos de fontes, inéditas ou não, trouxe para a cena histórica novos atores e tramas, o que nos permitiu mostrar a diversidade do tema. Como nos diz Cláudia Maria Ribeiro Viscardi:

A extensão de resultados de pesquisa obtidos em regiões específicas para todo o território nacional constituía-se em generalização inaceitável, dadas as inumeráveis diversidades que compõem um país de dimensão continental, como é o caso do Brasil. (VISCARDI, 2010: 23).

A pesquisa da historiadora citada acima se refere especificamente ao mutualismo. Constatada que a produção é majoritariamente concentrada no centro-sul do país e, no nordeste, apenas a Bahia apresenta trabalhos na área, a autora chama a atenção para a "necessidade de que sejam realizadas pesquisas acerca de outras regiões brasileiras. Observamos também que a maioria das produções refere-se às capitais ou aos polos urbanos dos estados citados" (VISCARDI, 2010: 27).

Neste sentido, nosso estudo sobre as experiências mutualistas no noroeste cearense responde a esta necessidade de produção e reflexão sobre estas experiências, visto que, tradicionalmente, os estudos sobre a classe trabalhadora também se concentram prioritariamente naquelas regiões do país citadas acima.

Deste modo, a oportunidade de trazer à tona este recorte espacial inédito se torna interessante por mostrar uma outra dinâmica para o entendimento do mundo do trabalho cearense, além de apontar para velhas e novas fontes ainda não utilizadas. Embora não tenhamos nos deparado com conjuntos documentais substanciais sobre os trabalhadores e suas associações, o que nos permitiria traçar um quadro mais pormenorizado sobre suas experiências culturais, a variedade das fontes, notadamente jornalísticas e cartoriais propiciaram a captação do fenômeno associativo em suas formas legais e outras nuances percebidas na documentação.

Neste sentido, procuramos perceber as experiências culturais dos trabalhadores urbanos dentro do fenômeno associativo, sem vinculá-lo a movimentos ou se restringindo a eles, embora sem deixar de analisar suas práticas e intenções. Interessou-nos, sobretudo, como o desejo de se criar associações levavam em conta a experiência cultural dos trabalhadores, seja quando eles mesmo tomavam a iniciativa de se agremiar ou de quando, em nome deles, se criava uma associação. Há uma diferença quando os trabalhadores buscam os poderes públicos para tornar

sua associação de utilidade pública para serem subvencionados e manterem uma escola para seu filhos ou quando grupos da elite incorporam o aspecto caritativo na criação de fundações que registram ter finalidades filantrópicas e beneficentes desenvolverem obras de "assistência às crianças em geral, e de modo especial, as crianças pobres e desamparadas, [...] sem discriminação de sexo, cor, credo religioso, político e condição social garantindo-lhes um futuro sólido e digno da sociedade"<sup>20</sup>.

O desafio, portanto, foi colocar o Ceará no mapa dos estudos sobre o mundo do trabalho, especialmente a zona noroeste, dentro do aspecto associativo da mutualidade, com peculiaridades, limites e possibilidades. Esperamos ter conseguido.

### **Bibliografia:**

BATALHA, Claudio H.M. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: BATALHA, Claudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.) *Culturas de Classe*. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2004.

BURKE, Peter. *O historiador como colunista*. Trad. Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.199.

CASTELLUCCI, Aldrin A. S. O associativismo mutualista na formação da classe operária em Salvador (1832-1930). In: MAC CORD, Marcelo; BATALHA, Claudio H. M. (orgs.). *Organizar e proteger: Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *A formação das tradições. (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. As esquerdas no Brasil, v.1.

FORTES, Alexandre. Da solidariedade à assistência: Estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. In: *Cadernos AEL*, v.6, n.10/11, 1999.

JESUS, Ronaldo Pereira de. Associativismo no Brasil do século XIX: repertório crítico dos registros de sociedades no Conselho de Estado. *Locus*. Revista de História, Juiz de Fora, v. 13, n. 24, 2007.

LIMA, Ana Cristina Pereira. "Obreiros pacíficos": o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José. (Fortaleza, 1915 – 1931). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Ceará. 2009.

---

<sup>20</sup> Estatuto do Patronato Tenente Ângelo de Siqueira Passos. Fonte: Cartório Walter Vasconcelos. 2º Ofício. Viçosa do Ceará.

LUCA, Tânia Regina de. *O sonho do futuro assegurado. O mutualismo em São Paulo*. São Paulo/Brasília, Contexto/CNPq, 1990.

MAC CORD, Marcelo; BATALHA, Claudio H. M. (orgs.). *Organizar e proteger. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

MOTA, Kleiton Nazareno Santiago. *Mutualismo Ferroviário: prover e proteger na Sociedade Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité de 1891 aos anos 1930*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará – UFC, 2009.

NEGRO, A. L. e SILVA, S. (Orgs.) *E. P. THOMPSON*. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

POPINIGIS, Fabiane. “Todas as liberdades são irmãs”: os caixeiros e as lutas dos trabalhadores por direitos entre o império e a república. *Estudos Históricos* Rio de Janeiro, vol. 29, no 59, p. 647-666, setembro-dezembro 2016.

SILVA JÚNIOR, Adhemar Lourenço da. *As sociedades de socorros mútuos: Estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul - Brasil, 1854-1940)*. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PUC-RS, 2004. (Tese de Doutorado).

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; JESUS, Ronaldo Pereira de. A experiência mutualista e a formação da classe trabalhadora no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *A formação das tradições. (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. As esquerdas no Brasil, v.1.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Estratégias populares de sobrevivência: o mutualismo no Rio de Janeiro republicano. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2009. v. 29, nº 58.

\_\_\_\_\_. O estudo do mutualismo: algumas considerações historiográficas e metodológicas. In: *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 2, n. 4, agosto-dezembro de 2010.

\_\_\_\_\_. O ethos mutualista: valores, costumes e festividades. In: MAC CORD, Marcelo; BATALHA, Claudio H. M. (orgs.). *Organizar e proteger. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.